

# A literatura brasileira no mapa espanhol

Lucilene Machado Garcia Arf \*

**Resumo:** Já há algum tempo o Brasil se colocou no mercado espanhol como um agente de bens simbólicos e culturais, exportando músicas, danças, telenovelas, cinema e também as chamadas “artes impuras” que circulam nos circuitos minoritários a que foram destinadas, como é o caso de vídeos, revistas que exploram o carnaval e a sensualidade da mulher brasileira. A literatura brasileira tem uma história bastante superficial na Espanha. A questão pode ser idiomática, ou estar relacionada a fatores geográficos ou econômicos como costumam justificar os estudiosos e, pode sim refletir no âmbito cultural, porém são pontos poucos discutidos e seria pertinente uma discussão mais profunda a respeito do assunto. O que este artigo faz é um inventário da presença da literatura brasileira na Espanha até os anos oitenta e os caminhos que percorreu para ser lida, discutida e abrir espaço para o que vieram posteriormente.

**Palavras-chave:** recepção, história, literatura brasileira

**Resumen:** Desde hace algún tiempo, el Brasil se ha colocado en el mercado español como un agente de bienes simbólicos y culturales, ha exportado músicas, danzas, telenovelas, películas y también lo llamado “arte impuro” que circula en los circuitos minoritarios para el cual fueron diseñados, como es el caso de los videos y revistas que explotan el carnaval y la sensualidad de la mujer brasileña. La literatura brasileña tiene una historia

---

\* Doutoranda em Teoria da literatura pela Universidade Julio de Mesquita Filho – UNESP, São José do Rio Preto/SP.  
Bolsista da FUNDECT

bastante superficial en España. La cuestión puede ser idiomática, o estar relacionada con factores geográficos o económicos como tienden a justificar los académicos, y puede, sí, reflejar en el ámbito cultural, pero son puntos son pocos discutidos y sería importante una amplia discusión sobre el tema. Lo que este artículo hace, es un inventario de la presencia de la literatura brasileña en España hasta los años ochenta y los caminos que tomaron para ser leído, discutido y hacer espacio para lo que vino después.

**Palabras claves:** recepción, historia, literatura brasileña

A literatura brasileira, apesar de oferecer uma variedade de gêneros, não deixou raízes profundas na Espanha e, talvez, na Europa. Isso se deve a diversos fatores, mas os principais deles estão ligados à língua. A socióloga francesa Pascale Casanova, em seu livro *La République mondiale des Lettres* (1999), defende a idéia de que a literatura pode ser pensada em termos de mapas mundiais, distribuídos conforme a área lingüística de cada produção. Nessa república de letras, a literatura brasileira pertence à área do português e, portanto, situa-se na periferia, ou conforme ela mesma sustenta, é uma literatura excêntrica. Isso explica o fato de a literatura sul-americana, nossa vizinha geograficamente, tornar-se comercialmente tão interessante na Europa, o mapa linguístico é o espanhol que está em uma posição muito superior a do nosso idioma, além de poder entrar na Espanha sem a necessidade de tradução.

Jorge Schwartz no texto “Abaixo Tordesilhas” menciona o clássico entrave linguístico que faz o castelhano mais acessível ao leitor brasileiro do que o português para o leitor de língua espanhola. Nisso reside, segundo ele, uma das barreiras que afastaram o leitor hispânico das obras escritas em português. Os críticos literários brasileiros se debruçaram com muito maior curiosidade sobre a literatura de língua espanhola do que eles pela brasileira. Para ele:

Não encontraremos, até meados do século XX, qualquer intelectual hispânico que tivesse pelas letras do Brasil o interesse abrangente e sistemático que José Veríssimo, Mário de Andrade ou Manuel Bandeira dedicaram às literaturas do continente. (Schwartz, 1993, p. 175)

Exemplo citado por Schwartz é Alfonso Reyes, mexicano que muito jovem é exilado na Espanha onde escreve livros em versos, prosa e ensaios. Após ter ficado famoso, o México o incorpora no serviço diplomático e o envia ao Brasil, onde permanece desde o ano de 1930 até 1937. Reyes aproveita sua experiência diplomática para promover um intercâmbio mais próximo com a literatura brasileira e, durante quatro anos dirige no Rio de Janeiro o *Correio Literário de Alfonso Reyes*, publicado integralmente em espanhol, em que dedica um reduzido espaço ao Brasil. O mesmo pode-se dizer da mexicana Gabriela Mistral em semelhante missão. O Brasil pouco influenciou em suas reflexões literárias. Salvo um caso excepcional em que refletiu sobre o diálogo de Sórora Juana com Padre Vieira, ou a evidente influência de Gôngora e Quevedo na obra de Gregório de Matos, o maior poeta barroco brasileiro. Fatores estes que nos permitem afirmar que o Brasil, como um país considerado parte da América Latina, não consegue tirar proveito disso, ao contrário, torna-se um grande estrangeiro dentro dela, vide as diferenças linguísticas e culturais. Também os projetos culturais desenvolvidos nos países latinos não contribuíram para a ida da literatura brasileira para a Europa.

Aina Pérez Fontdevilla, da Universitat autônoma de Barcelona, declarou no IV Encontro Internacional de Investigadores de la Literatura Hispánica celebrado na Universidade de Lisboa (2010) que a literatura brasileira padece, na Espanha, uma dificuldade congênita de difusão, a julgar pelo modo em que se referem aos autores brasileiros e à produção literária do país. Segundo ela, os autores brasileiros têm na Espanha “uma existência fantasmal” e, mesmo ultrapassado os anos 2000, o Brasil continua a ser “uma ilha

inexplorada, insular, introvertida e desconhecida”, com exceção de Clarice Lispector, Machado de Assis e Guimaraes Rosa, considerados a trindade literária brasileira na Espanha.

Para Cristina Peri Rossi, tradutora de vários livros brasileiros para a língua espanhola (2003), a literatura brasileira é pouco conhecida tanto na Espanha como na América Latina. Desde a vasta selva amazônica e o deserto nordestino até a costa luminosa e sensual do Rio de Janeiro, o Brasil abarca muitas regiões, climas, milhares de habitantes de diferentes culturas, sendo que os microcosmos que originam esta diversidade se refletem na literatura que vai desde o regionalismo de Graciliano Ramos até os relatos urbanos de Rubem Fonseca. Segundo ela, a dialética entre as correntes européias e as culturas autônomas, ou de herança africana permite que existam poetas românticos que publicaram manifestos de poesia em Paris, até narradores naturalistas ou existencialistas. Mesmo com as difíceis condições políticas, no caso o período da ditadura brasileira, a narrativa e a poesia do Brasil continua a produzir autores de grande interesse, ainda que poucos difundidos fora de sua fronteira.

### **Rompendo as fronteiras**

A primeira informação sobre Literatura de língua portuguesa produzida no Brasil chegou à Espanha em 1855. O escritor Juan Valera, depois de dois anos em uma missão diplomática no Rio de Janeiro escreve uma coleção de artigos para a *Revista Española de Ambos Mundos* que mais tarde reuniu em forma de ensaio sob o título de *La poesia del Brasil*, em Madrid. Também escreve uma vasta correspondência para seus amigos espanhóis. Em algumas cartas pode-se encontrar sua opinião sobre as obras de autores brasileiros, o que, segundo Calderaro (2009), talvez sejam as primeiras críticas acerca da produção literária no Brasil. Do Rio, em uma carta a Serafín Estébanez Calderón – escritor romântico espanhol – com data de 13 de fevereiro de 1852, Valera escreve:

Los brasileños son muy amigos de la música y de la poesía (...). De poetas hay por aquí un enjambre, y algunos buenos; Magalhães que está ahora en Nápoles de ministro, y Gonçalves Dias son los mejores; pero en particular este último, que ha sabido dar a sus composiciones la novedad, el primor, las galas del país en que nacieron, y la vida y el fuego de este clima. (García Martín, Jose Luis, apud Calderaro. 1996 p. 68)<sup>1</sup>

Em outra carta, datada de 09 de março de 1853, resume a história da obra Marília de Dirceu ao mesmo amigo Estébanez Calderón:

Se trata de la Marília de Dirceu. Por los años de 1783, vivía esta hermosa dama en Villa-Rica, capital de la provincia de Minas-Geraes, y era amada con el más tierno y ferviente cariño por el magistrado Gonzaga, que no es otro sino el poeta Dirceu. Favorito este por las musas, e inspirado de Amor, compuso en elogio a la bella, tan lindos, inocentes y delicados versos, que vivirán siempre en la memoria de cuantos saben la lengua portuguesa. (García Martín, Jose Luis, apud Calderaro. 1996: 68)<sup>2</sup>

Valera continuaria a escrever ao mesmo amigo em carta datada de 12 de Julio de 1853, referindo-se agora ao romântico brasileiro Manuel Araújo Porto-Alegre:

La mayor novedad literaria de por aquí es el "Poema de Colón", que está escribiendo Porto-Alegre. He visto algunos fragmentos en el Guanabara Revista Literaria. Dejo para otra vez hablar de ellos. Luego

<sup>1</sup> Os brasileiros são mui amigos da música e da poesia (...). De poetas, há por aqui um enxame, e alguns bons; Magalhães que está agora em Nápoles de ministro, e Gonçalves Dias são os melhores; porém este último, particularmente, soube dar a suas composições a novidade, o primor, os enfeites do país em que nasceu e a vida e o fogo deste clima. (García Martín, Jose Luis, apud Calderaro. 1996 p. 68).

<sup>2</sup> Trata-se de Marília de Dirceu. Por volta dos anos 1783, vivia esta bela dama em Vila Rica, capital do estado de Minas Gerais, e era amada com o mais terno e fervente carinho pelo magistrado Gonzaga, que não é outro senão o poeta Dirceu. Favorito este pelas musas e inspirado de amor, compôs o elogio à bela, tão lindos, inocentes e delicados versos que viveram na memória de todos os que conhecem a língua portuguesa. (García Martín, Jose Luis, apud Calderaro, 1996:68)

que el poema se publique, le mandaré a usted y en cambio espero que usted me envíe el de Campoamor sobre el mismo asunto. (idem)<sup>3</sup>

Seguindo os moldes da época, na *Revista Española de Ambos Mundos* o autor comenta a diferença existente entre a paisagem brasileira e portuguesa, a natureza imponente e bela, assim como as distintas raças e populações que habitam o país. Fala do índio e do diferencial do negro escravo, acentuando seus excelentes dotes musicais.

São quatro os poetas a quem se refere o escritor cordobês: dois do século XVIII e dois do século XIX. Todos eles são destacados pela temática indigenista e a grandeza das descrições paisagísticas sempre belas e exuberantes. O primeiro poeta destacado é Basílio da Gama, autor do poema épico “Uruguai”, publicado no Brasil em 1769, que Valera reproduz várias estrofes na língua original. O segundo é Santa Rita Durão, autor do poema “Caramuru”, publicado em 1781. Dele também se explora o conteúdo e se reproduz alguns versos. O terceiro poeta é Gonçalves Dias, de quem se menciona algumas composições, citando como exemplo o poema “Juca-Pirama”, em que pinta maravilhosamente as feras e os costumes das tribos selvagens. Finalmente se compromete a falar com mais profundidade da nova poesia que está surgindo no país sul-americano, especialmente de Manuel Araujo Porto-Alegre. Entretanto, Juan Varela não cumpriu a promessa, tampouco nenhum outro escritor de sua geração se ocupou da literatura brasileira.

Também é importante citar outra referência ao Brasil escrita pelo famoso filólogo, poeta e historiador espanhol Menéndez Pelayo, em carta enviada a seu amigo romancista José Maria de Pereda e datada de Lisboa, em 31 de outubro de 1876, onde faz comentários sobre Gonçalves Dias e denuncia o desconhecimento dos portugueses sobre a literatura produzida no Brasil:

---

<sup>3</sup> A maior novidade literária daqui é o “Poema de Colombo” que está escrevendo Porto-alegre. Vi alguns fragmentos no Guanabara – Revista literária. Em outra oportunidade, falo sobre eles. Logo que o poema seja publicado eu lhe mandarei e, em troca, espero que o senhor me envie o de Campoamor sobre o mesmo assunto (idem).

El Brasil es aún más rico que Portugal en poetas líricos, y los ha tenido de primer orden, como Gonçalves Dias, en lo que va de siglo. La literatura brasileña, a parte de sus ingenios más esclarecidos, no es tan conocida como debiera en su antigua metrópoli. (Menendez Pelayo, apud Calderaro, 2009)<sup>4</sup>

Entrando no século XX, a literatura brasileira aparece na revista *Electra*, que circulou apenas entre os meses de março a maio de 1901 e teve como responsáveis nomes de valores como Valle-Inclán, Villaespesa, Pio Baroja e Manuel Machado e contou com colabores como Rubén Darío e Juan Ramón Jiménez, por exemplo. Nas páginas da efêmera revista foi feita uma das primeiras apresentações de poetas brasileiros por Viriato Diaz, o que não se sabe, ao certo, é quais poetas fizeram parte da publicação.

Depois de *Electra*, outras marcas começam a ser mais nítidas nas revistas culturais de Espanha. *Cosmópolis*, revista de Enrique Gómez Carrillo com duração de janeiro de 1919 a setembro de 1922 e periodicidade mensal, foi uma publicação amplamente cultural com destaque para a literatura. Foi dedicado grande espaço para os escritores estrangeiros, incluindo os portugueses Guerra Junqueira e Eça de Queirós, entre outros. Mas, no número 3, de março de 1919, dedica treze páginas na apresentação da mais saliente e importante personalidade do Brasil: Rui Barbosa. O número 5, de maio de 1919, dedica três páginas aos poemas de Olavo Bilac, além de um artigo que começa anunciando a morte do poeta.

Em janeiro de 1927, surge uma das revistas consideradas mais importantes do final da década de vinte e início da seguinte, *La gaceta literária*, fundada e dirigida por Ernesto Giménes Caballero e

---

<sup>4</sup> O Brasil é um país mais rico que Portugal em poetas líricos e os tem de primeira ordem, como Gonçalves Dias, até o momento, neste século. A literatura brasileira, à parte de seus engenhos mais esclarecidos, não é tão conhecida como deveria em sua antiga metrópole. (Menendez Pelayo, apud Calderaro, 2009)

Guillermo de Torre como secretário de redação. A revista teve uma trajetória mais longa que as anteriores chegando a 123 números, numa periodicidade quinzenal, durando até o ano de 1932, sendo que nos seis últimos números circulou com o nome de *Robinsón Literário*.

Segundo Calderaro, além de ser uma publicação comprometida com o desenvolvimento do vanguardismo espanhol, em edital do seu primeiro número declara que queria ser ibérica, americana e internacional. Em 1929, a partir do número 49, surgem as sessões “La gaceta portuguesa” e “La Gaceta Americana”, de modo que o Brasil participa das duas. No número 50, de 15 de janeiro de 1929, “La gaceta portuguesa” apresenta em sua quinta página um estudo intitulado “La literatura brasileña contemporânea” que começa defendendo o poder imaginativo do brasileiro, falando da fauna e flora fantásticas que evidentemente haveriam de provocar nos homens uma exaltação, uma imaginação muito superior a das gentes do amável Portugal. Na sequência, cita um exagerado número de escritores brasileiros que vão desde os naturalistas até os parnasianos, deixando transparecer a superficialidade do texto. Além disso, não comenta nada sobre as propostas modernistas e sobre os novos rumos que tomaria então a literatura brasileira.

Um ano depois, em 15 de janeiro de 1930, a literatura brasileira volta a aparecer na *Gaceta literária*, dessa vez na coluna “La gaceta americana” em artigo de uma página e meia, redatado pelo escritor chileno Gerardo Seguel, que demonstra uma visão mais crítica de acordo com os últimos acontecimentos culturais da época. O texto analisa uma das mais importantes revistas do modernismo brasileiro que é *Antropofagia* e apresenta na sequência uma série de traduções dos poemas de Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Ronald de Carvalho, Menotti del Picchia, Cecília Meirelles, Augusto Meyer, Jorge de Lima e Tasso da Silveira, entre outros.

Depois da década de XX, do passado século, Rafael Cansinos-Assens traduziu para a editora América de Madrid, uma seleção de contos de



Machado de Assis, que foi publicado com o título de *Sus mejores cuentos*. Em 1930, o poeta Francisco Villaespesa iniciou suas traduções da poesia de língua portuguesa na América. O grande projeto de Villaespesa era – por encargo do governo brasileiro – criar uma “Biblioteca brasileira” de oitenta volumes que acolhesse as obras mais importantes dos mais significativos autores do Brasil. Villaespesa inicia o projeto, mas, infelizmente, uma súbita enfermidade fez com que abandonasse o trabalho e regressasse à Espanha, onde morreu em 1936. Em 1978 a *Revista de Cultura Brasileña*, correspondente ao mês de junho, organiza um livro com as versões não publicadas de Villaespesa. Nela se pode observar a extraordinária capacidade versificadora do poeta espanhol, o que permite supor que a “biblioteca brasileira” teria sido fundamental para a história da tradução e difusão da literatura brasileira na Espanha.

Este fato, bem como a perda de um baú em que transportava seus documentos, impediu que a proposta se concretizasse como anteriormente projetada. Apenas vieram à luz três livros: *Sonetos e poemas* de Olavo Bilac, *El navío negrero y otros poemas* de Castro Alves e *Toda la América* de Ronald de Carvalho.

No ano de 1946, surge na Espanha a revista *Ínsula*, fundada por Enrique Canito e Luis Cano, com o objetivo de recuperar a literatura do exílio e colocá-la em contato com as novas gerações espanholas, instituindo a primeira publicação verdadeiramente independente do pós-guerra que ainda continua a funcionar. Junto com as revistas *La estafeta literária* e *Índice* de artes y letras constituem, nos anos 50 um relevante meio para os debates literários em torno dos gêneros e dos autores. Os textos de literatura brasileira, ou sobre esta, foram freqüentes no decorrer dos anos, do que se pode aferir que a literatura brasileira era comentada em algumas importantes revistas culturais da época com relativa circulação nos meios intelectuais e artísticos, no entanto, é irrisório se comparado com a literatura de outros países, além de ser apresentada de forma descontínua, fragmentada e com pouca profundidade.

Vinte anos após o projeto frustrado de Villaespesa, Oswaldo Rico publicou, em 1948, por meio do Instituto Cervantes, uma antologia com o título *Poetas del Brasil*, bastante incompleta, entre outras razões, por ignorar a poesia escrita na primeira metade do século XX. Pouco depois, Alfonso Pintó traduziu a *Antologia de poetas brasileños de ahora*, dentro de uma coleção chamada “O livro inconsútil”, editada em uma imprensa artesanal do poeta João Cabral de Melo Neto, então diplomata em Barcelona nos anos de 1947 a 1950. A antologia em questão, completa, em parte, a seleção de Rico, ao publicar poemas de autores não citados pelo primeiro. Por outro lado, João Cabral teve a oportunidade de contatar, em Barcelona, intelectuais e artistas espanhóis e reuniu na mencionada coleção, de escassa tiragem, ainda que com boa qualidade tipográfica e estética, poetas catalães como Joan Brossa ou Juan Eduardo Cirlot e os brasileiros Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes ou ele mesmo.

Posteriormente, em 1952, Renato de Mendoza publicou a *Antologia de la poesia brasileña*, muito mais completa que as mencionadas anteriormente, traduzidas por Rafael Morales e Rafael Santos Torroella, e, por entusiasmo e iniciativa de Cabral, criou-se a *Revista de cultura brasileña*, editada pela embaixada do Brasil na Espanha, cuja primeira série, dirigida por Ángel Crespo, perdurou de 1962 até 1968. Durante os seis anos, a revista reproduziu poemas, entre outros, de Murilo Mendes, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Mario de Andrade, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Vinicius de Moraes, Raúl Bopp, bem como uma seleção de poetas parnasianos, simbolistas e românticos que foram traduzidos pelo próprio Crespo e pelo poeta e acadêmico Dámaso Alonso.

Recuperando as antigas traduções e acrescentando outras novas, Crespo publica, em 1973, a *Antologia de poesía brasileña*, com uma introdução rigorosa e extensa que, juntamente com as versões poéticas, é referência obrigatória para o conhecimento da poesia em língua portuguesa produzida na América.

Mesmo reconhecendo todo o esforço desses intelectuais em abrir caminhos para a literatura brasileira na Espanha, o que tivemos foi uma publicação ínfima em relação, por exemplo, a nossos vizinhos sul-americanos, talvez hispano-americanos que, segundo estudos mais recentes da recepção, têm obtido grandes projeções na Espanha desde o ano de 1967 quando o guatemalteco Miguel Ángel Asturias ganhou o prêmio Nobel de literatura. No mesmo ano surgiu *Cem anos de solidão* de Gabriel Garcia Marques, que em pouco tempo se converteu em um *best-seller*. Nos anos seguintes vieram as publicações de Isabel Allende, Octavio Paz e Mario Vargas Llosa. Não há dúvidas de que a literatura hispano-americana gozou de muita popularidade, alavancando a literatura sul-americana de língua espanhola, o que não ocorreu com o Brasil.

### **Latinos e estrangeiros**

O Brasil não se beneficiou do famoso boom latino americano que atribuiu fama a García Marques, Vargas Llosa ou Borges. Lawrence Venuti, em sua obra *Escândalos da tradução*, assegura que:

O boom foi em grande parte um aumento nas traduções das literaturas hispânicas que negligenciou as evoluções brasileiras contemporâneas: entre 1960 e 1979, as editoras britânicas e americanas publicaram 330 traduções do espanhol, mas somente 64 traduções do português brasileiro. (2002: 318).

Segundo a professora Gilda Oswaldo Cruz

O Brasil não teve a vantagem de contar, como seus vizinhos de continente, com a vigorosa caixa de ressonância que a renascida Espanha dos finais da década de sessenta significou para os países do sul. O empobrecido Portugal imerso, até 1975, na letargia salazarista, não pôde funcionar como porta literária para sua ex-colônia. (2001: 14)

O português, apesar de ter evoluído do galego (idioma falado na Galícia-ES), é ainda visto, por parte dos espanhóis, como uma língua

“rara”, uma insularidade geográfica e cultural diante das Américas hispânicas. Em geral, as publicações brasileiras foram bastante fragmentadas, poucos títulos por autor e por diferentes editoras, o que não permitiu ao público espanhol a oportunidade de constituir uma opinião mais precisa sobre a narrativa brasileira, dificultando o trabalho dos críticos em relacionar as novas traduções com as publicações anteriores; tínhamos então apenas uma porção de nomes soltos. Sem contar que as publicações brasileiras compunham-se, em sua maioria, de uma literatura romântica e realista/naturalista que se afinavam com os relatos de viagem, populações coloniais, sejam elas índios, escravos ou negros, ou aspectos relacionados com a vegetação, ecossistema, como é o caso de Jorge Amado e Raquel de Queirós, cuja literatura está voltada para temática do nordeste e romance social.

Antonio Maura em artigo publicado na Revista de Cultura Brasileña, nº 5, adverte que na década de sessenta a literatura brasileira era praticamente desconhecida na Espanha. Nem mesmo os autores do regionalismo haviam sido traduzidos para a Península espanhola, com exceção de Lins do Rêgo com a obra *Cangaceiros*, editada em 1957 com tradução de A. Fernandes pela editora Caralt de Barcelona.

Angel Crespo passa a ser, a partir dos anos sessenta, o grande divulgador da cultura brasileira na Espanha. Em 1963, em artigo publicado na série antiga da *Revista de Cultura Brasileña*, faz referência ao escritor Guimarães Rosa. Ele mesmo que traduziria *Grandes sertões veredas* três anos depois, falava de um autor que descrevia o sertão brasileiro e seus habitantes de um ponto de vista tão pessoal que superava de uma só vez a tradição brasileira do romance regionalista. No mesmo artigo, Crespo acrescenta que a particularíssima linguagem de Rosa era praticamente intraduzível, algo que o próprio crítico faria posteriormente para oferecer aos espanhóis a única tradução de uma das mais importantes obras brasileiras.

Em junho de 1967, a *Revista de Cultura Brasileña* nº 27 é dedicada a Guimarães Rosa. Ángel Crespo, então diretor da publicação, relata sua viagem ao interior de Minas Gerais, passando pelos lugares mencionados nos textos de Rosa, bem como a difícil tarefa de traduzi-lo. Também fazem parte da encadernação outros autores como Renard Pérez e Julio E. Miranda.<sup>5</sup>

Em 1969, é publicado *Primeras historias* também pelo selo da Seix Barral de Barcelona e depois o escritor ficará, por muitos anos, praticamente esquecido.

Nos anos setenta, o autor brasileiro mais popular na Espanha era Jorge Amado, com sua obra *Los viejos marineros* editada em 1971 com tradução de Basílio Losada. Talvez ainda o seja. O ISBN espanhol registra 95 obras de Amado, computando, evidentemente, as várias edições. É, de longe, o escritor mais publicado na Espanha, embora a crítica tenha se atentado mais a Clarice Lispector. Recordemos também que em 1974, outro grande nome do regionalismo, Graciliano Ramos teve o seu *Vidas secas* traduzido e, em 1978, *Angústia*. Também em 1974, *Avalovara* de Osman Lins. Em 1977 é feita a tradução de *Macunaíma* de Mário de Andrade e de *Perto do coração selvagem* de Clarice Lispector. No ano seguinte, 1978, temos em espanhol *Tebas de mi corazón* de Nélide Piñon.

---

<sup>5</sup> O número contém os seguintes estudos: "Guimarães Rosa", de Renard Pérez, "Modos, lenguaje y sentido em Gran sertón: veredas, de João Guimarães Rosa" de Julio E. Miranda, "Elementos geográficos em Gran sertón: veredas. Algunos aspectos" de Silvia Moodie, "El quehacer poético de Guimarães Rosa" de Sandra Márcia Haute y "Notas sobre las versiones y traducciones de Gran sertón: veredas", de Pilar Gomes Bedate. A revista se completa com uma carta do próprio Guimarães Rosa ao então embaixador do Brasil na Espanha, Antônio C. Cámara Canto, e o texto "Poshomenaje introductorio", de Ángel Crespo e sua tradução de cinco textos do autor mineiro: "La ceguera", de Sagarana; "Cara de bronce", de *Corpo de baile*; El juicio de Zé Bebelo", de *Grandes sertões: veredas*; "Los hermanos Dagobé" e "Ninguno, ninguna" de *Primeiras estórias*.

Segundo a professora Áurea Fernández Rodríguez, da Universidade de Vigo, a literatura brasileira na Espanha é pouco conhecida e, sobretudo, pouca representativa da diversidade e realidade do Brasil. As obras chegaram muito tarde à Espanha em relação a outros países europeus, como é o caso da França. E, apesar de a Espanha contar com numerosos tradutores da língua portuguesa, como Basílio Losada e Ángel Crespo, por exemplo, no início dos anos 70 a obra de Jorge Amado chegou a ser silenciada pelo franquismo<sup>6</sup>. A recepção da literatura brasileira não estava imune ao contexto sociopolítico que a Espanha vivia durante a agonia da ditadura franquista. Tanto que, no período que se caracterizou o pós-guerra, a literatura foi caracterizada pela pobreza de temas. A que chegava do exterior era suspeita de perverter os leitores e sofria o controle dos mecanismos da censura. Havia originalíssimos escritores estrangeiros com sérios inconvenientes doutrinários ou morais e as respectivas leituras eram desaconselhadas.. Apenas nos últimos anos desse período, apesar da censura e da repressão cultural, autores catalogados como marxistas iam acedendo pouco a pouco ao mercado cultural.

Com a poesia, a professora ressalta haver alguns diferenciais, pelo fato de ser um gênero hermético com interpretações distintas a censura não exercia uma avaliação tão rígida, de modo que a abertura para a poesia brasileira, nesse período, foi mais ampla que a prosa. Nos anos 50, as revistas de literatura espanhola ofereciam uma poesia de contínua renovação que incluiu a brasileira. O poeta e crítico madrileno Dámaso Alonso já era uma figura importante na produção poética dos anos 40, desde que havia publicado seu famoso livro *Hijos de la ira* (1944) que rompia com os moldes formais da teoria. Dámaso desempenhou um importante papel na difusão

---

<sup>6</sup> A pesar de que los textos de Amado contaron con numerosos traductores en España el mejor conocedor de los mismos es el gallego Basilio Losada quien afirmó en una ocasión que la obra de Jorge Amado fue silenciada por el franquismo. "La difusión de la literatura brasileña traducida en España y Francia", p. 101.

dos poetas brasileiros, em colaboração com Ángel Crespo uniu-se ao movimento “postista” fundado por Carlos Edmundo de Ory que traduziu um número relativo de textos de língua portuguesa. Bandeira veio com a fama de ser um dos maiores poetas do Brasil, em 1962 publicou-se *Poemas de Manuel Bandeira*, depois Ledo Ivo em 1963; Antonio Gonçalves Dias, 1964; Walmir Ayala, 1965; Murilo Mendes, 1965 e Vinicius de Moraes.

Segundo Áurea Fernández Rodríguez (2010), estes poetas divulgados por revistas especializadas só podiam ser lidos por poucos, em geral, intelectuais. Entre os galegos, alguns poucos admiradores como Noriega Varela que evocava com frequência os versos de Olavo Bilac; entretanto, os poetas traduzidos na Espanha ficaram reduzidos a essas publicações especializadas, além do que, eram obras que não refletiam a identidade brasileira, ou uma região, ou temas que giravam em torno dessa realidade. Em geral, a maioria das traduções brasileiras foi simples manifestação isolada que apenas deixou um eco porque não foi devidamente contextualizada. Uma edição obedece a suas próprias exigências como expectativa do público, mediadores, assessores ou agentes literários informados, leitores especializados, além de tradutores qualificados. E o que se percebe é que as traduções publicadas na Espanha partiram da iniciativa de tradutores que buscaram as editoras, que não foram as grandes, mas editoras com poucas possibilidades no mercado. E o fato de não haver, até então, uma difusão da literatura brasileira, vide a tiragem pequena das obras literárias, entre outros fatores, acarretou em dificuldades para se avaliar a recepção da literatura brasileira enquanto fenômeno coletivo. O máximo que se fez foi uma análise restrita dessa literatura enquanto reação individual. Porém, mais adiante, outro fator relevante vai se assomar a estes, é que, a partir de 1964, instala-se no Brasil um regime ditador militar que durante vinte e um anos dificultará o envio da boa literatura produzida continuamente no Brasil, para o exterior.

Para Sérgio Massucci Calderaro, o conhecimento que se tem na Espanha sobre a literatura brasileira está longe de ser considerado bom. Ele chega a dizer que é muito pobre. E não é necessária uma investigação muito profunda para se comprovar isso, a conclusão é óbvia. O pesquisador não esconde sua visão pessimista sobre o tema:

Si esbozáramos un ranking de los países sobre los cuales el público español tiene más conocimiento literario, Brasil seguramente estaría en una posición muy baja. Estaría por detrás de por lo menos media docena de países europeos y otra media docena de países americanos. Así, Brasil iría después de Francia, Inglaterra, Alemania, Rusia, Italia, Estados Unidos, Argentina, Chile, Uruguay, Colombia, Cuba y México, entre otros. (CALDERARO, Espéculo, 2009)<sup>7</sup>

A questão pode ser idiomática, ou estar relacionada a fatores geográficos, ou econômicos como costumam justificar os estudiosos e, pode sim refletir no âmbito cultural, porém são pontos poucos discutidos e seria pertinente uma discussão mais profunda a respeito do assunto.

---

<sup>7</sup> Se esboçarmos um ranking dos países sobre os quais o público espanhol tem mais conhecimento literário, o Brasil certamente estaria em uma posição muito baixa. Estaria atrás de pelo menos meia dúzia de países europeus e outra meia dúzia de países americanos. O Brasil viria depois da França, Grã-Bretanha, Alemanha, Rússia, Itália, EUA, Argentina, Chile, Uruguai, Colômbia, Cuba e México, entre outros. (CALDERARO, Espéculo, 2009)



### **Referências**

\_\_\_\_\_. El mundo, los mundos: novelas fundacionales en la literatura brasileña del siglo XX. In: La narrativa en lengua portuguesa de los últimos cincuenta años. Org. Maria Josefa Postigo aldeamil. Revista de filología románica. Madrid: Universidad Complutense, 2001.

BEDATE, Pilar Gómez. Ángel Crespo. El poeta y su invención. Barcelona: Galaxia Gutenberg / Círculo de Lectores, 2007.

CALDERARO, Sérgio Massucci. "La literatura brasileña en España a lo largo del tiempo: intentos de divulgación". Madrid: Espéculo: Revista de estudios literarios, nº 43, Universidad Complutense de Madrid, 2009.

FONTDEVILLA, Aina Pérez. "Una imagen unívoca para una obra plural: la recepción de Clarice Lispector en la prensa española". Diálogos Ibéricos e iberoamericanos: actos del VI Congreso Internacional de ALEPH. Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, abril de 2009.

GARCÍA, José Luis Martín. Juan Valera. Cartas a Estébanez Calderón (1851-1858). Gijón: Llibros del Peixe, 1996.

LOPEZ, José Alberto. "Brasil em contexto artístico internacional: visibilidad y mercado. Revista de cultura brasileña, nº. 6. Madrid: fundación Hispano Brasileña, 2008.

MAURA, Antônio. "La crítica de Machado de Assis en las publicaciones españolas". Revista de cultura brasileña nº 7. Madrid: Fundación Hispano Brasileña 2010, p. 182-213.

NAVAS, Adolfo Montejo. "7 notas de navegación para una cartografía del arte reciente en Brasil". Revista de Cultura Brasileña nº. 6. Madrid: fundación Hispano Brasileña, 2008, p. 72- 103.